

# Comunicação Homem – Mulher: guerra ou diálogo

Miguel Midões\*

## Índice

1	Introdução . . . . .	1
2	Abordando os conceitos de interacção e conversação . . . . .	3
3	Homem_Mulher: Guerra de Sexos ao longo dos tempos . . . . .	4
4	Exemplos de Estudos Norte Americanos . . . . .	7
5	A Teoria da Polidez ou Princípio da Cortesia e a importância do Silêncio . . . . .	8
6	Descrição e Análise de Dados . . . . .	12
7	Conclusão . . . . .	17
8	Bibliografia . . . . .	19
9	Anexos . . . . .	20

## 1 Introdução

Ao longo dos anos a apelidada “Guerra dos Sexos” tem mostrado o seu peso na sociedade, acima de tudo depois do homem ter perdido o seu lugar de detentor de todo o poder e a mulher ter encontrado forma de se fazer ouvir, acima de tudo nas sociedades ocidentais, conseguindo hoje, depois de uma trabalhosa emancipação ser (quase) encarada da mesma maneira que um homem e desempenhar as mesmas funções.

---

\*Comunicação Interpessoal: Negociação, Mediação e Gestão de Conflitos, Mestrado em Comunicação Pública, Política e Intercultural, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007/2008.

Relação homem-mulher tornou-se menos submissa por parte do hoje chamado “sexo forte”, mas talvez mais competitiva, controversa e até “esgrimada”, em determinadas situações. E na linguagem? Permanecem ou não as diferenças? Os anos de submissão das mulheres estarão ainda presentes na sua forma de falar? E os homens, mostram-se seguros e “rígidos” na fala, tal qual o faziam quando chegavam a casa, depois de um dia de trabalho? É isso que pretendemos ver com esta análise, saber até que ponto as marcas sócio-culturais estão presentes na interação homem-mulher, no quotidiano de ambos os sexos.

Pretendemos assim elaborar uma resenha histórica do conceito de interação, para dominarmos de forma razoável a área que estamos aqui a trabalhar. A este aspecto juntamos as questões sócio-culturais que dominaram e dominam a sociedade portuguesa, tentando perceber de que forma mulher e homem reagem perante uma mesma situação. Como se expressam? Quem fala mais e porquê?

Num terceiro capítulo trazemos a esta pequena análise dois ligeiros “estudos-caso”. Tratam-se de duas gravações, de aproximadamente quatro minutos, onde tentaremos analisar os actos linguísticos de homens e mulheres perante o mesmo cenário. Dois diálogos simples que tentaremos aprofundar de forma a acrescentar algo de novo, ainda que de forma modesta, às análises que têm sido feitas ao discurso feminino e masculino. Que homem e mulheres não se entendem e são bem diferentes já não é novidade no seio do senso comum. Se estas diferenças são ou não visíveis quando estão em comunicação, é o que pretendemos observar com esta exposição, tentando, se possível, alcançar a natureza das diferenças linguísticas entre os sexos.

Para que tal objectivo seja conseguido abordaremos conceitos e ensinamentos como a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson, com a questão das metáforas das faces; estudos norte-americanos de Amy Sheldon e Barbara Johnstone, que tentam mostrar, precisamente, o que homem e mulher valorizam mais perante uma determinada história; falaremos na importância do silêncio na comunicação, bem como tomaremos em conta ainda aspectos como a entoação, as pausas e até a ironia para diferenciar, se possível, linguisticamente o sexo masculino do feminino.

## 2 Abordando os conceitos de interacção e conversação

Uma interacção poderia ser definida, a priori, como a mera relação de duas pessoas, que ocorre face a face. Relação que aqui é subentendida de diálogo. Contudo, a interacção, por exemplo entre duas pessoas de sexo oposto procura bem mais do que isso, levando-nos a salientar os aspectos não só linguísticos como paralinguísticos.

Num caso de argumentação, podemos ainda acrescentar que “conscientemente ou não, utilizam-se estratégias para convencer e persuadir o outro” (FARNEDA, 2007:1). Como nesta análise não nos debruçamos nos processos de persuasão, fica apenas a nota e avançamos para a questão da possível diferença linguística de sexos (masculino e feminino) numa situação de interacção conversacional.

Os dois termos (interacção e conversação) estão directamente relacionados, uma vez que é escassa a interacção sem conversação e quase nula a conversação que não acabe em interacção. Segundo os teóricos estudados para esta investigação, o conceito de conversação, de uma forma geral, pode ser encarado como “qualquer tipo de interacção oral formal ou informal”, chegando mesmo a considerar que “conversação” é sinónimo de “conversa espontânea, sem planeamento prévio” (IBIDEM:2). Podemos desde já garantir que os dois exemplos por nós gravados e que serão aqui analisados são inteiramente conversas espontâneas, nas quais as pessoas envolvidas desconheciam por completo que estavam a ser gravadas, ou seja, não houve qualquer tipo de planificação prévia.

FARNEDA refere também que a actividade conversacional pode ainda revelar “colaboração, cooperação, respeito ou não por parte dos falantes”, consoante as suas intenções. Já GRICE, numa comunicação acerca dos *Fundamentos Metodológicos da Linguagem*, em 1960, alertou que a conversação é uma actividade “sempre sujeita ao princípio da cooperação”. Outros autores como MARCUCSHI consideram que esta favorece mesmo a construção de identidades sociais e que tal ultrapassa a “habilidade linguística” (IBIDEM:3).

Quando no acto conversacional se estabelece sobre o que se vai conversar, estamos perante o “tópico conversacional”, ou seja, o tema que domina a conversa entre os intervenientes. Outro elemento que faz parte do processo conversacional é o “turno conversacional”, ou seja, a inter-

venção de cada um dos falantes, que também inclui o silêncio. E, existem ainda os “marcadores conversacionais”, elementos que articulam o enunciado verbal, e que podem ser distinguidos entre verbais, não verbais e prosódicos, como falaremos mais à frente, uma vez que vão ser essenciais para este nosso estudo.

Ainda no que respeita à conversação podemos notar que esta pode ser natural ou artificial, e ainda simétrica, quando os falantes têm igual poder da palavra, como veremos nos exemplos por nós recolhidos, ou assimétrica, quando um dos participantes no diálogo (conversação) detém um maior poder da fala, como por exemplo num debate televisivo onde o/a jornalista detém o poder e o dever de mediar a situação. “Nos programas televisivos, principalmente nos programas que possuem formato de debate, em que se observa uma construção textual mais assimétrica, se comparada a uma conversação espontânea com os amigos”(IBIDEM:6).

### 3 Homem\_Mulher: Guerra de Sexos ao longo dos tempos

“Um arqueólogo escavava uma ruína quando topou com uma velha lâmpada. Ao esfregá-la para tirar a poeira, apareceu um génio. *Você libertou-me!*, disse o génio. *Vou-lhe conceder um desejo.* O arqueólogo pensou por um momento e respondeu: *Quero uma ponte com uma autopista ligando a Inglaterra à França!* O génio revirou os olhos e resmungou: *Eu acabo de sair da lâmpada, estou muito cansado. Faz ideia da distância que existe entre a França e a Inglaterra? É uma engenharia impossível! Faça outro pedido!* O homem reflectiu por um momento e pediu: *Eu gostaria de poder me comunicar com as mulheres.* O génio empalideceu e perguntou: *Uma ou duas pistas?*” (PE-SASE, 2003:147)

Este é, talvez, o melhor exemplo para mostrar como o senso comum entende ser difícil, se não mesmo impossível, a comunicação entre homens e mulheres, ao ponto de considerar que nem a figura mítica do génio é capaz de o fazer. Allan e Barbara Pease, na sua obra *Porque*

*os Homens Mentem e as Mulheres Choram?* respondem, a uma série de questões no capítulo destinado aos “Misteriosos Caminhos da Linguagem Feminina”, normalmente colocadas por homens, tais como: 1. Porque as mulheres falam tanto? 2. Porque as mulheres sempre querem falar sobre problemas? Porque as mulheres exageram? Porque as mulheres nunca vão directas ao assunto? 5. Porque as mulheres querem saber os mínimos detalhes?

Os autores explicam as respostas a estas perguntas com estudos científicos. Centramo-nos no facto do cérebro da mulher estar mais apto às funções da fala e da linguagem. Segundo estes autores “o cérebro da mulher pode produzir, sem esforço, de seis mil a oito mil palavras faladas por dia” (IBIDEM: 147), enquanto que o homem, no mesmo período de tempo apenas consegue falar entre duas a quatro mil. Razões suficientes para explicar porque a mulher fala muito mais que o homem, nas mais variadas situações. Um facto que iremos tentar constatar com os exemplos por nós gravados. Como os homens não possuem um cérebro com grandes aptidões para o discurso, são criados “sérios problemas de comunicação com as mulheres” (IBIDEM:148).

Mas, há ainda explicações menos científicas e mais históricas, como a relação estabelecida entre o discurso do homem e o facto de nos primórdios as funções masculinas estarem ligadas à pesca e à caça, duas actividades que exigiam o máximo de concentração e de silêncio para capturar a presa, bem como objectividade nas tarefas. Por sua vez, as raízes femininas aparecem ligadas aos agrupamentos de mulheres e crianças “dentro e nas proximidades das cavernas” (IBIDEM: 147), e mesmo actualmente a mulher é associada às saídas para fazer compras, para que se conclua que “as mulheres não precisam de um motivo para falar, nem de um propósito específico. Elas falam para estarem conectadas”(IBIDEM: 147).

O homem está habituado a resolver problemas e a mulher apenas a desabafá-los, daí que numa situação conversacional o desentendimento surja porque: primeiro, “o homem a quem se pede opinião sente-se honrado e oferece as suas soluções”; segundo, porque “do ponto de vista da mulher, ao oferecer soluções o tempo todo, o homem dá a impressão de que sempre quer ter razão e de que ela está sempre errada” (IBIDEM: 149).

Nesta nossa tentativa de encontrar justificações sócio-culturais e até

científicas para as possíveis disparidades de discurso de homens e mulheres leva-nos ainda a fazer referência a autores como Luzia Schalkoski Dias, que considera que as diferenças linguísticas entre os dois sexos começa logo na aquisição da linguagem. A investigadora considera que as meninas são mais precoces do que os meninos, a partir do momento que nascem e que as mulheres têm demonstrado uma maior “complexidade da oração, escuta e compreensão no material escrito e falado, vocabulário e ortografia<sup>1</sup>.” Lembra ainda que os homens são mais propensos a problemas de fala como a gaguez e ainda a problemas de escrita.

Encontrámos ainda numa comunicação de José Eustáquio Diniz Alves, da Universidade Federal de Ouro Preto, no Preto, a importância atribuída ao “dimorfismo sexual e cultural”. ALVES refere que mesmo antes do nascimentos, os seres “já sofrem as consequências do dimorfismo sexual e cultural”, que, ao longo da vida, vão induzir a que adapte “padrões de feminilidade ou de masculinidade”<sup>2</sup>. E em que consiste o diformismo cultural? Aparece quando as diferenças biológicas são transpostas para a cultura, “estabelecendo oposições homólogas ancoradas em dicotomias que atribuem características positivas aos homens e negativas às mulheres”<sup>3</sup>.

Ao homem, na óptica deste autor, está associada a força física e adjectivos como: vigoroso, robusto, seguro, instruído, poderoso, bem como o ditado de que o “homem forte não chora”. Do outro lado está a mulher encarada como o sexo frágil, adjectivada da seguinte forma: mole, fraca, insegura, chorona, inconsciente. Características que depois podem são expressas também na linguagem.

O autor faz uma pequena referência à democracia grega, onde vigorava a diferença entre Público e Privado, aliás bem destacada na obra da filósofa Hannah Arendt, onde a *polis*, o lugar público estava já ligado à figura do homem, enquanto que a *Oikos*, a casa, estava reservada à mulher. ALVES destina o discurso público ao homem e considera que a experiência feminina na Oikos fez com que a mulher se especializasse

<sup>1</sup> DIAS, Luzia Schalkoski, *Homem e Mulher – Estratégias Linguísticas Diferentes?*, UFPR, (s/d).

<sup>2</sup> ALVES, José Eustáquio Diniz, *O Discurso da Dominação Masculina*, Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil), (s/d).

<sup>3</sup> *Ibid*, p.1

“na fala doméstica e interpessoal e tenha dificuldade em dominar a fala pública e impessoal”<sup>4</sup>.

#### **4 Exemplos de Estudos Norte Americanos**

Deborah Tannen compilou uma série de comunicações relacionadas com as interacções conversacionais, num livro intitulado, *Gender and Conversational Interaction*, onde nalguns capítulos/comunicações é dada especial atenção às diferentes posições de homens e mulheres perante a mesma situação, sendo o discurso a melhor forma de os avaliar. São, precisamente, alguns estudos realizados por co-autores deste livro que pretendemos trazer a esta nossa exposição, de forma a tornar ainda mais clara esta (possível) diferença de discurso e linguagem entre sexos.

JOHNSTONE realizou 58 experiências narrativas, no seio da classe média branca norte-americana, numa cidade com cerca de 300 mil habitantes. Deste grupo de histórias, 33 foram contadas por mulheres, enquanto que 25 foram contadas por homens. De referir ainda que os participantes neste estudo tinham idades compreendidas entre os 14 e os 70 anos, e que o objectivo era saber que mundos sociais eram recriados por homens e mulheres, bem como analisar o diferente uso da linguagem.

Concluiu-se que, na grande maioria das histórias contadas por mulheres os assuntos estavam relacionados com incidentes que rompessem com as normas sociais estabelecidas ou que tiveram um resultado embaraçoso. Contam também histórias sobre elas próprias, sobre outras mulheres e ainda sobre outros homens.

Já em 1987, GILLIAN, considerava que a afinidade, empatia, interdependência e envolvimento eram características associadas à mulher e que, por oposição, individualismo e auto-sustentabilidade eram conceitos sempre ligados aos homens.

Por seu turno, devemos considerar que na narração de uma determinada história é o homem que tem tendência para se enaltecer, ou seja, mais uma vez o individualismo; o sucesso de determinado facto apenas a si diz respeito, enquanto que as mulheres admitem mais vezes terem sido aconselhadas por terceiros. Pelo menos é o que nos mostra o estudo realizado por SHELDON, que mostra que em 13 homens, apenas

---

<sup>4</sup> Ibid, p.8.

três admitem terem tido más saídas numa história em que foram protagonistas sozinhos, enquanto que em dez mulheres, sete admitem não se terem dado bem. Quando as histórias envolvem outros protagonistas, em oito homens, quatro admitem que outros os aconselharam e outros quatro ficam-se por dizer que os outros apenas lá estavam e faziam parte da história. Das dezasseis mulheres inquiridas, onze admitem que foram aconselhadas. Conclui-se que os homens admitem que, normalmente, se saem bem quando actuam sozinhos. A figura masculina é mais marcada pela “interdependência e autonomia”, e a figura feminina “m ostra mais tolerância e compaixão, responsabilizando mais os outros” (TANNEN, 1993: 89-90).

Esta é apenas mais uma evidência de que “homens e mulheres não usam ou nunca usaram ou interpretaram a linguagem da mesma maneira” (IBIDEM: 69-70). Acrescentamos ainda que há descrições de que a linguagem feminina é mais baseada na intuição e na observação informal. Também JOHNSTONE chama a atenção para as questões psicológicas salientando que as diferenças entre o discurso de homens e mulheres são o reflexo das diferenças psicológicas dos sexos. Vai mais longe e lembra que outros há que consideram que a diferença está na origem social, baseadas na diferença de estatuto e no prestígio. A própria Deborah Tannen defende este ponto de vista. A autora considera que a socialização é um factor explicativo. “Em diferentes sociedades, meninos e meninas vivem diferentes modelos de socialização e isto levaria a diferentes formas de usar e interpretar a linguagem”. (DIAS, 1990: 2)

As diferenças da linguagem são ainda atribuídas também às diferenças culturais.

## **5 A Teoria da Polidez ou Princípio da Cortesia e a importância do Silêncio**

A polidez linguística corresponde ao respeito que os intervenientes têm pelo seu semelhante no momento da interacção conversacional. Podemos dizer que esta é o resultado do esforço, realizado pelos participantes numa conversa, com vista à manutenção do equilíbrio nas relações interpessoais, através de um conjunto de estratégias linguísticas, que podem ser utilizadas para minimizar, ou se possível até evitar, o con-



flito. No desenvolvimento desta teoria, Brown e Levinson trabalharam a metáfora da face, que pode ser negativa ou positiva. Entende-se por face negativa quando há o desejo de não sofrer imposições, e por face positiva quando tentamos ser apreciados pelos outros membros que estão em interacção connosco.

Os autores presumem que num situação de conversação, a teoria da polidez está presente quando tentamos proteger a nossa imagem e não denegrir a imagem alheia, sendo que a prioridade é conseguir uma “comunicação económica e eficaz que tem ao seu serviço um instrumento específico: as estratégias da polidez” (IBIDEM:1).

Há depois a polidez negativa, que aparece quando o nosso comportamento evita as imposições de outro elemento, e também a polidez positiva, mais presente nos elogios, nas felicitações e na solidariedade. E, quem será mais polido? Homem ou Mulher?

Segundo Janet Holmes, são as mulheres quem mais gosta de falar, acima de tudo com aqueles que lhes são mais íntimos. “Elas usam a linguagem para estabelecer, manter e desenvolver as relações pessoais” (IBIDEM:2). Para Holmes, os homens utilizam a linguagem apenas como uma ferramenta, “para transportar informações”. O discurso da mulher, segundo esta autora, costuma estar marcado pela presença de marcadores linguísticos, que se destinam sobretudo ao encorajamento do interlocutor. Já os homens usam outros marcadores para validar a informação.

Embora Brown e Levinson se tenham debruçado sobre o tema do Princípio da Cortesia, já em 1955, Ervin Goffman tinha realizado um estudo, com o objectivo de analisar as características das interacções sociais dos indivíduos. Goffman dá origem à teoria do “face-work”, na qual salienta que “o locutor procura causar uma imagem positiva no seu interlocutor, de modo a ser aprovado por ele” (FERNANDES, :1).

Ainda dentro da temática dos marcadores conversacionais podemos frisar uma classificação dos mesmos, que nos foi apresentada por FARNEDA. A investigadora distingue *marcadores verbais*, que estão relacionados com a estrutura linguística, tais como: então; agora; sabe?, dos *marcadores não verbais*, como os gestos, os olhares, os risos, etc. E, ainda, os *marcadores prosódicos*, que correspondem às pausas, silêncios, hesitações e entoações de voz.

Porque falamos de silêncio, decidimos agora dar-lhe particular des-

taque, pois este é um elemento estruturante da conversação. Numa primeira abordagem, o silêncio pode aparecer referenciado como sendo o contrário de comunicação, mas “podem haver silêncios que exprimem sentido”<sup>5</sup>. Apesar dos vários aspectos negativos conotados com o silêncio, como a repressão, a anti-democracia, o silêncio pode e deve ser analisado como sendo muito mais do que isso. “Porque ele é também, muito clara e afirmativamente a condição do sentido”<sup>6</sup>.

Na óptica de Tito Cardoso e Cunha, o silêncio representa a passividade do receptor, enquanto que o emissor detém a fala comunicativa. Acrescenta que o silêncio é passivo, abordando a Teoria da Performatividade da Linguagem, porque “há coisas que se fazem com a linguagem e, conseqüentemente, não se fazem pelo silêncio”<sup>7</sup>.

Tito Cardoso e Cunha salienta aquilo a que nós preferimos apelidar de consecutiva perda de importância da palavra num diálogo conversacional. Reitera que a palavra se banalizou, perdendo as suas “implicações subjectivas, estéticas e mágicas”. Compete-nos ainda acrescentar que este considera que os meios de comunicação de massa, acima de tudo a televisão, deram à palavra o estatuto de puro dispêndio, de “incontinência verbal”. Tudo isto para dizermos que “há silêncios que são eloquentes, isto é, que dizem mais e melhor do que as palavras”<sup>8</sup>.

Mas, neste estudo, interessa-nos, sobretudo, analisar a palavra, pois é fundamentalmente através desta que “o locutor apresenta uma imagem pessoal aos outros, positiva ou negativa” (FERNANDES, :1). Também Geoffrey Leech deu o seu contributo para esta área ao acrescentar quatro novos tipos de actos ilocutórios à lista já existente de John Searle: os *competitivos*, quando se entra em conflito com a polidez/cortesia, como é o caso dos pedidos, das ordens, ou das perguntas; os actos *conviviais*, quando há uma oferta, uma felicitação ou um agradecimento; os *colaborativos*, quando estamos perante uma informação, um relato, ou um anúncio; os *conflitivos*, quando há uma ameaça ou uma acusação. O mesmo autor enumera seis máximas para o Princípio da Cortesia: -

<sup>5</sup> CUNHA, Tito Cardoso e, O Silêncio na Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, artigo publicado na Biblioteca on-line das Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt), p.1.

<sup>6</sup> Ibid, p.1.

<sup>7</sup> Ibid, p.2.

<sup>8</sup> Ibid, p.5

*tacto*, “minimiza o custo do outro e maximiza o benefício do outro” (FERNANDES, :3); *generosidade*, onde o benefício próprio é mínimo e se dá especial valor ao sacrifício feito pelo outro; *aprovação*, primando por minimizar a censura do outro e maximizando o seu elogio; *modéstia*, onde o elogio próprio é minimizado e a crítica própria maximizada; *acordo*, tenta-se ao máximo o acordo com o outro, evitando o desacordo; e ainda de *simpatia*, onde é reduzida a antipatia entre os participantes da conversação e é aumentada a simpatia. Com estes pressupostos conclui-se que “um acto ilocutório é tanto mais cortês quanto maior for o benefício para o alocutário e maior o custo para o locutor” (IBIDEM, :3).

Gonçalo Fernandes, na sua comunicação sobre *O princípio da Cortesia em Português Europeu* propõe a análise prática desta questão em seis pontos fundamentais:

1. Pré-sequências conversacionais – tratam-se de actos rituais, que fazemos de forma espontânea no nosso dia-a-dia, como o simples “Bom dia!”.
2. Marcadores de alternância de vez – peças fundamentais do discurso oral espontâneo, estes marcadores conversacionais podem ser positivos (“pois”, “claro”, etc.) ou inarticulados, como “mm”.
3. Eufemismo – quando se tenta evitar a “rudeza e a aspereza de certas situações” (IBIDEM, :5), trocando os vocábulos habituais por outros mais amenos. O melhor exemplo é o substantivo “morte” ou o verbo “morrer”, várias vezes substituída por “falecimento”/“partida” ou “deixar”/“partir”.
4. Diminutivos – São sinal de modéstia e de simpatia. Nesta questão da comunicação com dois pólos (masculino e feminino), há autores que acrescentam que, também as mulheres, são mais propensas ao uso de diminutivos.
5. Os tempos verbais – os tempos que melhor representam a cortesia ou polidez são o **Imperfeito do Indicativo**, quase sempre através dos verbos “Poder”, “Querer”, “Desejar”, “Dever”, “Gostar” e “Trazer”; o **condicional**, que mostra para além de cortesia, “formulação de desejos ou pedidos” (IBIDEM, :7); o **imperativo**,

embora deva ser acompanhado de formas adverbiais, como “por favor”, o que nos leva também a depreender que no português europeu, “não é forçosamente verdade que a ordem seja sempre pouco ou nada cortês” (IBIDEM, :7).

Embora tenhamos aqui destacado os actos de fala, é necessário sublinhar que “ a cortesia pode estar em todos os usos linguísticos e em todos os actos comunicativos interpessoais” (IBIDEM, :7), consoante o contexto em que os mesmos ocorrem.

Tentaremos assim analisar nos nossos exemplos quem obedece mais ao Princípio da Cortesia, Homem ou Mulher.

## 6 Descrição e Análise de Dados

Os exemplos que trazemos a esta análise, e que estão anexados a este trabalho foram gravados na Rádio Onda Livre, em Macedo de Cavaleiros, como é o caso do A e B e ainda retirados da Internet, no caso do C. Tratam-se de diálogos que não excedem os quatro minutos, nos quais vamos tentar encontrar marcadores linguísticos que nos permitam, ou não, estabelecer uma distinção entre a linguagem da mulher e do homem, numa comunicação interpessoal. Contudo, tentaremos ainda ir mais longe, uma vez que nas relações interpessoais deve-se também “observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como a entoação, gestualidade, expressão facial, etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que, mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interacção como um jogo de subjectividades” (BRANTS, 2004:3).

Começamos por analisar a questão da *democracia do processo conversacional*. No diálogo A, Al. e Pl. estão a tentar solucionar um problema de falta de tinteiro na impressora da rádio, onde Pl está a tentar imprimir um documento pedido por Al. Aparentemente, as estratégias discursivas são iguais para ambos os intervenientes e não estamos perante a situação de que um detenha maior poder de fala que o outro, pelo menos nenhum dos dois, nem homem nem mulher foram escolhidos para mediar este diálogo.

E, quais as situações de ambos? O diálogo é simétrico ou assimétrico? Tendo em conta que Pl é director da Rádio e Al apenas a admi-

nistrativa, poderíamos concluir, à partida, que a relação é *assimétrica*, uma vez que estamos perante uma diferença de estatuto social. Contudo, Pl é também funcionário da mesma Rádio e vinte anos mais novo do que Al, ou seja, este factor permite a Al o à vontade com que fala com Pl, como podemos constatar no diálogo A. Segundo Magalhães e Costa, nas interacções assimétricas, “um dos interlocutores desempenha um papel social revestido de poder institucional e, como tal, é respeitado, e mais propriamente, temido pelo outro” (MAGALHÃES e COSTA, 1988:147). Neste caso concreto creio que estamos perante um misto de assimetria e simetria. Já nos exemplos B e C é nítido que se tratam de relações simétricas, uma entre colegas e amigos (B), a outra entre familiares, marido e mulher (C).

Passamos agora a analisar a *economia das palavras*. Primeiro destaque deste trabalho para uma análise precisa entre homens e mulheres. Concluímos, através da contagem das intervenções no diálogo e das palavras utilizadas no mesmo, que são os homens quem mais economiza nas palavras, justificando assim os pressupostos que mencionámos anteriormente na parte teórica deste trabalho. No exemplo A, mesmo contando as intervenções paralelas de S. e L., que nada têm a ver com a questão da impressora, concluímos que há 23 intervenções femininas nestas conversas, e apenas 17 masculinas, ou seja, 57,5% do diálogo é dominado pelas mulheres. O mesmo se reflecte quando nos referimos ao número de palavras em cada fala. Em média, as mulheres utilizaram 9,34 palavras por frase, por contraposição os homens ficaram-se pelas 6. No diálogo A, as mulheres contribuem com 215 vocábulos, enquanto que os homens apenas 102.

No diálogo C, por exemplo, numa conversa entre marido e mulher, concluímos que é a mulher quem exerce o maior número de questões, 21 no total, enquanto que o marido apenas faz 14, embora com uma ligeira diferença. As questões da mulher são sempre para obter informações acerca de algo e porque não vai directa ao assunto que pretende, enquanto que as do homem são questões de admiração perante algumas questões colocadas pela sua mulher. O homem tenta ser claro e objectivo enquanto que a mulher rodeia o problema e a situação, como podemos ver no seguinte exemplo:

*H – O que quer dizer?*

*M – Nada... nada não!*

*H – Vem cá... acha que estou te traindo?*

*M – Não... claro que não... mas sabe como é?*

O diálogo C comprova que, por norma, é a mulher quem coloca mais interrogações, neste caso concreto, M detém 60% das perguntas. As respostas do H, em média, são também curtas, numa média de 3,5 palavras.

São exemplos que nos permitem lembrar os ensinamentos de Alan e Barbara Pease de que, cientificamente, as mulheres têm mesmo mais propensão ao diálogo, têm uma maior bagagem de palavras para gastar ao longo do dia, entusiasmando-se mais numa simples conversa à volta da falta de um tinteiro numa impressora.

Tentámos encontrar nestes diálogos *marcadores conversacionais* que também nos permitissem estabelecer a distinção linguística dos sexos masculino e feminino. Embora de uma forma subtil, encontramos, no diálogo A, marcadores verbais nas falas de Al., que recorre várias vezes à repetição para enfatizar a sua posição, como por exemplo:

*Pl – Mexa-o.*

*Al – Já mexi, já mexi.*

*Pl – Tem um novo lá dentro.*

*Al – Espere aí, espere aí...*

Al. repete constantemente a sua resposta a Pl., como se este não a estivesse a ouvir bem. Aliás, em quatro minutos de diálogo, esta repetição ocorre por sete vezes. No diálogo B, onde também entra Al., o mesmo facto é de salientar. Contudo e, como factor não-linguístico, mas relacionado com a forma como se está no diálogo, esta repetição aparece ligada a um tom de voz de irritabilidade, pelo simples facto de ter acabado um tinteiro, que contrapõe com a posição (masculina) de Pl, bem mais descontraído e com um tom de voz normal.

Como marcadores prosódicos denotamos a presença de alguns, mas não em quantidade suficiente para estabelecer uma distinção ou salientar a importância da sua utilização. O mesmo acontece com os marcadores não verbais, existindo apenas risos de Al.

Podemos salientar ainda que A1 denota insegurança na sua atitude, o que vai ao encontro dos pressupostos enunciados nos capítulos anteriores de que são os homens quem detém maior segurança num diálogo, bem como objectividade. Esta questão está expressa na seguinte fala:

*A1 – Tire outra! (...)*

*[Compasso de Espera]* – ou silêncio, importante na análise desta fala, pois é ele que lhe dá sentido, como nos alerta Tito Cardoso e Cunha.

*A1 – Deixe estar Pl, não tire, eu faço ali uma cópia!*

No diálogo B, maioritariamente entre homens, notamos uma linguagem mais descuidada, com a utilização de termos menos próprios na linguagem corrente, se bem que será ainda difícil apelidá-los de calão.

*L – “Ó Pl2, o que é que andas a **armar**?”*

*[...]*

*L – “Se é uma **gaja** boa podes ter a certeza de que vou gostar”*

*[...]*

*L – “E depois os Pedro Correia não fica **lixado**?”*

No que respeita à **polidez ou cortesia**, podemos considerar que esta é variável ao longo dos diálogos, tanto A como B. A maioria dos verbos, tanto nas falas dos homens como na fala das mulheres, encontra-se no Presente do Indicativo, ou seja, não existe qualquer referência a verbos no condicional ou no Imperfeito. Contudo, no diálogo A, a maioria das vezes que A1 fala, as formas verbais que utiliza estão no Imperativo, embora não exista qualquer forma adverbial, como “por favor”, um facto que nos pode fazer concluir que existe menos polidez ou cortesia por parte deste falante que, por sinal, é uma mulher.

*A1 – Tire outra!*

*[...]*

*A1 – Deixe estar Paulo...*

Apenas no final deste diálogo podemos considerar que há um marcador conversacional que nos indica alguma cortesia, mesmo que seja aplicado como “ritual”, ou seja, é bem natural que à questão de Pl, se quer mais alguma coisa, A1 tenha respondido que “Não, **obrigado!**”.

O vocábulo “obrigado” aparece aqui mais por uma questão de hábito natural em responder desta forma, do que como princípio de cortesia, uma vez que denotamos que, ao longo de toda a conversa, Al é pouco “polida”.

Tendo em conta os ensinamentos de Leech consideramos ainda que a maioria dos actos de fala são competitivos, pois estamos perante pedidos e ordens, embora estes sejam aplicados por ambas as partes de igual forma – homens e mulheres.

Exemplo:

*Al – Espere aí, espere aí... esse não dá, não vale a pena...*

*L – Não se pode abrir este?* – ainda que pela negativa, Luís expressa um pedido.

São também actos de fala ilocutórios colaborativos – como se trata de uma conversação de pergunta-resposta, Al depende a maior parte do tempo a dar informações acerca do estado da impressora, se imprime ou não. Está, de certa forma, a colaborar com Pl que lhe coloca a questão.

Exemplo:

*Pl – Não sai mesmo nada?*

*Al – Não sai mesmo nada, não dá.*

É aqui dada uma informação, no sentido de colaborar com a necessidade do outro falante e o mesmo se passa no exemplo que retirámos do diálogo B.

*L – Vou gostar?*

[...]

*Pl2 – Vou pô-lo de manager!”*

Ainda dentro da questão dos actos ilocutórios acrescentados por Leech, assinalamos no diálogo B, a presença de actos ilocutórios conviviais, como por exemplo:

*“... e até tenho um bom cargo para si, para a semana”* – estamos na presença de uma oferta.



E, ainda reparámos que há, pelo menos, um acto ilocutório de tacto, onde está maximizado o benefício do outro: “PI2 – “*E vai gostar*”.

Para esta análise, há que ter em conta o contexto. Por norma, é PI quem na rádio se deve ocupar dos tinteiros para que estes não faltem. Todo o diálogo é marcado por esta posição: para A1, mais uma vez foi PI quem falhou ao não trazer o tinteiro e não concorda com a insistência deste em abaná-lo para que imprima. A ausência de cortesia de A1 ser justificada tendo em conta esta questão.

Já no diálogo B, PI2 é bem mais cortês, talvez porque se trate de um elemento externo à rádio e necessite de um favor, pois observamos que existem determinados marcadores nas suas falas mencionados por Gonçalo Fernandes, como por exemplo o uso do verbo “poder”, ainda que no Presente do Indicativo. “Posso falar com o senhor L?”. Seria bem menos cortês neste caso ter utilizado o Presente do Indicativo mas do verbo “Querer”. “Quero falar com o senhor L”.

Em relação aos tempos verbais, neste mesmo diálogo, há ainda a referir o seguinte exemplo:

PI2 – “**Preciso** que me faça a entrada no espectáculo”. – Mais uma vez, apesar do verbo se encontrar no Presente do Indicativo, denotamos cortesia na aplicação/escolha deste verbo e não outro como “Quero” ou “Faça-me”. Há cortesia por parte deste falante, e mais uma vez se trata de um pedido.

Também, como cortesia, quase sempre antes de se referir a uma pessoa, PI2 coloca a distinção de “Senhor” ou “Senhores” no caso de estar presente mais do que um elemento. “Nem com o senhor PI?” ou “Bom dia meus senhores!”.

## 7 Conclusão

Há ainda muito a desbravar no que concerne à investigação do diálogo entre homem e mulher. Todos sabemos que quanto maior a amostra e maior o número de dados cruzados, melhores resultados serão obtidos. Por isso mesmo, sabemos reconhecer a limitação deste trabalho devido à nossa reduzida amostra de três diálogos, de pouco mais de quatro minutos, quando no mundo outros tantos biliões estão a ser produzidos entre elementos destes dois sexos, designados como opostos ao longo da história.

Contudo, é reconhecido que nestes diálogos que Allan e Barabara Pease estão certos ao concluírem que são as mulheres quem ganha o campeonato das palavras, aplicando muito mais palavras que os homens, nas frases destes três diálogos. Parece que aqui a história se mantém e que as ligações culturais que referem uma mulher bem mais faladora que um homem também. Nestes quatro minutos, as mulheres aplicaram apenas cerca de 200 palavras, das oito mil que reservam para aplicar todos os dias.

Depois, para além da mera análise estatística, é difícil concluir em termos de aplicação de formas verbais, quem utiliza o quê. Teria sido bom concluirmos que este ou aquele tempo verbal está mais aplicado e direccionado para as mulheres ou para os homens, mas com estes exemplos não conseguimos. Nem mesmo a adjectivação, que segundo alguns autores retidos para esta análise consideram ser bem mais marcada nas mulheres que nos homens, é um elemento marcantes nos exemplos por nós recolhidos. Partindo deste caso em particular e generalizando, poderemos salientar que as mulheres têm tendência a repetir na mesma frase a ideia que pretendem transmitir, talvez com o objectivo de enfatizarem o que pretendem com o seu discurso. Porém, pode ser também apenas “tique” de linguagem da falante analisada.

Acabamos por detectar que também as pausas e os silêncios não são relevantes de análise neste caso, pois são meros elementos construtivos do discurso, sem grande predominância ou especialidade particular.

No entanto, este trabalho serviu para (re)conhecermos o valor da comunicação interpessoal, através da abordagem aos conceitos que coabitam no mundo da interacção conversacional, tais como a democracia do diálogo, as simetrias ou assimetrias, a cortesia, os marcadores conversacionais, entre outros. Uma área ainda pouco explorada em Portugal, já abordada com alguma profundidade no Brasil e uma arte bem dominada nos Estados Unidos da América.

## 8 Bibliografia

### Livros

Johnstone, Barbara (1993), “Community and Contest: Midwestern Men and Women Creating Their Worlds in Conversational Storytelling”. In Deborah Tannen (orgs), *Gender and Conversational Interaction*,. New York: Oxford Studies in Sociolinguistics.

Pease, Alan e Barbara (2003): *Porque os homens mentem e as mulheres choram?*. Rio de Janeiro: Sextante.

Sheldon, Amy (1993): “Pickle Fights: Gendered Talk in Preschool Disputes”. In Deborah Tannen (orgs), *Gender and Conversational Interaction*. New York: Oxford Studies in Sociolinguistics.

### Internet

Alves, José Eustáquio Diniz: “O discurso da dominação masculina”. Disponível em [www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br).

Cunha, Tito Cardoso e: “O Silêncio na Comunicação”. Disponível em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).

Dias, Luzia Schalkoski (1990): “Homem e Mulher – Estratégias Linguísticas Diferentes?”. Disponível em [www.folologia.org.br](http://www.folologia.org.br).

Fernandes, Gonçalo: “O Princípio da Cortesia em Português Europeu”. Disponível em [home.utad/~letras](http://home.utad/~letras).

Freitas, António Francisco Ribeiro de (1999): “Palavra: signo ideológico”. Disponível em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).

Rodrigues, Marina Machado: “Entoação e Estratégias persuasivas no discurso feminino”. Disponível em [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br).

### Revistas

Brants, Giovanna Wrubel (2004): “Estudo da Relação Poder/Submissão em sala de aula, a partir da análise da interação conversacional entre professor e alunos”. In: *Revista Letra Magna, Revista Electrónica*

[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)

*nica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura* – Ano 01: 3.

Farneda, Eliete Sampaio (2003): “Estratégias Argumentativas no discurso feminino televisivo: um estudo de interacção no programa saia justa”. In: *Revista Letra Magna, Revista Electrónica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura* – Ano 04: 7.

Magalhães, Maria e Costa, Pedro (1988): “Discurso Assimétrico: a interacção professor-aluno”. In: *Trabalho em Linguística Aplicada*, n.º12: 147.

## 9 Anexos

### Diálogo A

Quatro minutos de conversa, na sala da impressora, entre quatro funcionários da Rádio Onda Livre Macedense:

**Al** – Tem que ir é ao Alfredo buscar um tinteiro!

**S** – E, o caloiro que estava ontem no “models” ao balcão? Quando ele se baixou!

**Al** – Pode mandar a ver se dá Paulo?

**Pl** – Já mexeu?

**Al** – Já mexi.

**S** – Opá enchi-me de rir, a sério! Aquele gajo não bate bem!

**L** – Só agora é que tu sabes?! Ainda vais a tempo.

**Al** – Não dá Paulo!

**Pl** – Não dá, D<sup>a</sup> Alexandrina?

**Al** – Não.

**Pl** – Mexa-o.

**Al** – Já mexi, já mexi.

**Pl** – Tem um novo lá dentro.

**Al** – Espere aí, espere aí... esse não dá, não vale a pena... (passos a afastarem-se)

**Al** – quando... eh... vamos ver se este...

**Pl** – Não sai mesmo nada?

**AI** – Não sai mesmo nada, não dá.

*[Compasso de espera]*

**AI** – Então vá lá mexe-lo que eu já estou a ficar azeda pr’aqui com os paleios.

**L**– Não se pode abrir este?

**AI** – Abrindo este, só se for depois porque para eles ainda dá. Fica aí para depois eles se servirem mas... mas imprima mas é com o meu e... depois ficou aí para eles... deixe-me pôr aí outra folha... (passos a afastarem-se)

**L**– Depois de um “cafezaço” ainda ficou lixado lá o Paulo Jorge...

**AI** – Ó Luís não pise aí o chão? (Grita de fora da sala)

**L**– Não piso aí o chão? Então como é que faço Dona Alexandrina?

**AI** – Deixe-se estar aí onde está! Está aqui tinta!

**L** – Não é fácil eu não pisar o chão!

**AI** – (risos) Experimente lá Paulo?

*[Compasso de espera]*

**PI**– Então, dá ou não dá?

**AI** – Não sei!

**PI** – Claro que dá!

**L** – Não é preciso isso! Olhe aqui dona Alexandrina!

**AI** – Que raio, como é que o Paulo foi pr’aí? “Poxa” eu assim não abano não!

**PI** - Mas isso não era assim que estava a sair! Era assim que tirávamos?

**AI**– É assim, é!

**PI**– Então onde é que está o...

**AI** – Tire outra.

**PI** – hã...

**AI** – Tire outra! A de baixo não presta. Você já sabe que não pode alterar aí... isso não é!

*[Com passo de espera]*

**AI**– deixe estar Paulo, não tire, eu faço ali uma cópia! Olhe fica o tinteiro, porque isto de estar a abanar... pr’a que é que eu o quero, lá dentro não dá.

**PI** – Não quer mais nada daqui?

**AI**– Não obrigado!

## **Diálogo B**

Som de campainha

**A1** – Olha o Paulinho. . . Então Paulinho?! Entre. . . Está tudo bem? Hã?...

**PI2** – Posso falar com o senhor Luís.

**A1** – O senhor Luís, porquê o senhor Luís? Não senhora!

**PI2** – Nem com o senhor Paulo?

**A1** – Nem com o senhor Paulo! Então que tal?

**C** – Não, então deixa estar a outra também.

**C** – Claro, então, normal

**PI2** – . . . a minha vida está de pernas para o ar!

**L** – Então estás como o Ricardo Azevedo!

**PI2** – Bom dia meus senhores!

**S** – Olá Paulinho!

**L** – Ó Paulinho, o que é que andas a armar?

**PI2** – Vinha-lhe pedir uma coisa.

**L** – Tu só te lembras de mim e do Paulo na altura da semana académica!

**PI2** – Não é verdade. Eu não me esqueci de si, e até tenho um bom cargo para si, para a semana.

**L** – pr'a mim. Um bom cargo para mim?

**PI2** – E vai gostar.

**L** – Vou gostar?

**PI2** – Não sei se lhe serve!

**L** – Se é uma gaja boa, podes ter a certeza que vou gostar!

**PI2** – Vou pô-lo de manager!

**L** – Vais-me pôr de manager? E, depois o Pedro Correia não fica lixado?

**PI2** – O Pedro Correia trata de outros assuntos

**L** – Ai é?

**PI2** – A partir de agora apreço na região, mas de que maneira!

**L** – bem bem. . . então o que é que precisas, de música não é?

**PI2** – Preciso que me faças a minha entrada do espectáculo.

**L** – Então, mas para eu te fazer uma entrada brutal tenho que chamar o Henrique Vinhas ou o Paulo!

### **Diálogo C**

M - Aonde você vai?

H - Vou sair um pouco.

M - Vai de carro?

H - Sim.

M - Tem gasolina?

H - Sim... Coloquei.

M - Vai demorar?

H - Não... Coisa de uma hora.

M - Vai a algum lugar específico ?

H - Não... só rodar por aí.

M - Não prefere ir a pé?

H - Não... vou de carro.

M - Traz um sorvete pra mim !

H - Trago... que sabor ?

M - Manga.

H - Ok... na volta eu passo e compro.

M - Na volta ?

H - Sim... senão derrete.

M - Passa lá, compra e deixa aqui.

H - Não... melhor não ! Na volta... é rápido !

M - Ahhhhh !

H - Quando eu voltar eu tomo com você !

M - Mas você não gosta de manga !

H - Eu compro outro... de outro sabor.

M - Aí fica caro... traz de cupuaçu !

H - Eu não gosto também.

M - Traz de chocolate... nós dois gostamos.

H - Ok ! Beijo... volto logo...

M - Ei !

H - O que ?

M - Chocolate não... Flocos...

H - Não gosto de flocos !

M - Então traz de manga prá mim e o que quiser prá você.

H - Foi o que sugeri desde o começo !

M - Você está sendo irônico ?

H - Não... tô não ! Vou indo.

M - Vem aqui me dar um beijo de despedida !



H - Querida! Eu volto logo... depois.

M - Depois não... quero agora !

H - Tá bom ! (Beijo.)

M - Vai com o seu ou com o meu carro ?

H - Com o meu.

M - Vai com o meu... tem cd player... o seu não !

H - Não vou ouvir música... vou espairecer...

M - Tá precisando ?

H - Não sei... vou ver quando sair !

M - Demora não !

H - É rápido... (Abre a porta de casa.)

M - Ei !

H - Que foi agora ?

M - Nossa !!! Que grosso ! Vai embora !

H - Calma... estou tentando sair e não consigo !

M - Porque quer ir sozinho ? Vai encontrar alguém ?

H - O que quer dizer ?

M - Nada... nada não !

H - Vem cá... acha que estou te traindo ?

M - Não... claro que não... mas sabe como é ?

H - Como é o quê ?

M - Homens !

H - Generalizando ou falando de mim ?

M - Generalizando.

H - Então não é meu caso... sabe que eu não faria isso !

M - Tá bom... então vai.

H - Vou.

M - Ei !

H - Que foi, cacete ?

M - Leva o celular, estúpido !

H - Prá quê ? Prá você ficar me ligando ?

M - Não... caso aconteça algo, estará com celular.

H - Não... pode deixar...

M - Olha... desculpa pela desconfiança... estou com saudade... só isso !

H - Ok meu amor... Desculpe-me se fui grosso. Tá.. eu te amo !

M - Eu também !

M - Posso futricar no seu celular ?

H - Prá quê ?

M - Sei lá! Joguinho !

H - Você quer meu celular prá jogar ?

M - É!!!!!!!

H - Tem certeza ?

M - Sim.

H - Liga o computador... lá tem um monte de joguinhos !

M - Não sei mexer naquela lata velha !

H - Lata velha ? Comprei pra gente mês passado !

M - Tá.. ok... então leva o celular senão eu vou futricar...

H - Pode mexer então... não tem nada lá mesmo...

M - É ?

H - É.

M - Então onde está ?

H - O quê ?

M - O que deveria estar no celular mas não está...

H - Como !?

M - Nada ! Esquece !

H - Tá nervosa ?

M - Não... tô não...

H - Então vou !

M - Ei !

M - Não quero mais sorvete não !

H - Ah é!!!

M - É !

H - Então eu também não vou sair mais não !

M - Ah é ?

H - É.

M - Oba ! Vai ficar comigo ?

H - Não vou não... cansei... vou dormir !

M - Prefere dormir do que ficar comigo ?

H - Não... vou dormir, só isso !

M - Está nervoso ?

H - Claro, porra !!!

M - Por que você não vai dar uma volta para espairecer ?